



PODE CAROLINA MARIA DE JESUS FALAR? LITERATURA DE AUTORAS NEGRAS, SUBALTERNIDADE E (R)EXISTÊNCIA DA NEGRITUDE (IN)VISÍVEL NO BRASIL

Francisco Renato Lima* ¹

*Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
e-mail: fcorenatolima@hotmail.com

Éderson Luís da Silveira* ²

*Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
e-mail: ediliteratus@gmail.com

Resumo: O presente texto situa a obra de Carolina Maria de Jesus no contexto da literatura marginal e dos estudos subalternos, perpassando questões associadas à linguagem, à cultura e a representatividade de sua obra apresentando, também, reflexões acerca da repercussão ocorrida durante e depois da publicação de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. A partir disso, o trabalho objetiva analisar a trajetória de Carolina Maria de Jesus, situando-a junto a alguns aspectos sócio-históricos e culturais que demarcam a elaboração estética de sua obra e, sobretudo, sua figura, enquanto mulher negra, em um contexto ainda predominantemente marcado por um discurso colonialista e excludente. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de cunho exploratório, realizado por meio dos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica. A análise evidencia a necessidade de reconstrução do imaginário social sobre a figura da mulher negra na literatura brasileira, instituindo, assim, um lugar para a literatura marginal, ato que, do ponto de vista epistemológico, pode ser interpretado como uma tentativa de contribuição para o rompimento com o discurso hegemônico, uma busca de reconhecimento e de valorização social, pincelando novas páginas sociais que afirmem a representação dos afrodescendentes na literatura brasileira.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. *Quarto de Despejo*. Representação feminina. Subalternidade. Literatura brasileira.

Can Carolina Maria de Jesus speak? Literature by black women authors, subalternity, and the (r)existence of (in)visible blackness in Brazil

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Literatura e Ensino (IFRN). Atualmente, professor substituto, na Universidade Estadual do Maranhão (UESPI), atuando nas graduações em Pedagogia e Letras - Português. Titulação. Filiação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3152885404404790>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1372-5444>.

² Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto Efetivo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Laranjeiras do Sul (PR). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Michel Foucault e os Estudos Discursivos (CNPq/UFAM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9636609353277293>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8483-4656>.



Abstract: The present text situates the work of Carolina Maria de Jesus work within the context of marginal literature and subaltern studies, addressing issues related to language, culture, and the representativeness of her work. It also vresents reflections of *The Wish Room: Diary of a favelada*. Based on this, the work aims to analyze the trajectory of Carolina Maria de Jesus, situating her alongside some socio-historical and cultural aspects that shape the aesthetic construction of her work and, above all, her identity as a Black woman in a context still predominantly marked by a colonialist and exclusionary discourse. This is a qualitative, exploratory study conducted through the technical procedures of bibliographic research. The analysis highlights the need to reconstruct the social imaginary surrounding the figure of black women in Brazilian literature, thereby establishing a place for marginal literature, an act which, from an epistemological point of view, can be interpreted as an attempt to contribute to the breakdown of hegemonic discourse, a search for recognition and social appreciation, painting new social pages that affirm the representation of afro-descendants in brazilian literature.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. *The Wish Room*. Female representation. Subalternity. Brazilian literature.

Introduzindo o percurso: Carolina Maria de Jesus, os estudos subalternos e a literatura de autoras negras

Entre 1859 e 2006, no intervalo de 147 anos, portanto, apenas 11 romances de autoras negras foram publicados no Brasil. A conclusão parte de um mapeamento realizado por Fernanda Rodrigues de Miranda e apresentada em sua tese de doutorado para o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de São Paulo (USP), em 2019. Apesar do quadro desolador, a autora menciona que, depois da publicação de *Um defeito de cor* (Gonçalves, 2016) até o outono de 2019, por sua vez, foram publicados, no intervalo de treze anos, 17 romances de autoras negras no Brasil, o que demonstra uma abertura e uma receptividade ao gênero em questão. *Pedaços de Fome*, de 1963, de Carolina Maria de Jesus, figura na lista.

É preciso situar, de antemão, que o presente trabalho se volta para a obra mais conhecida de Carolina, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, mas é necessário atentar-se para o fato de que seu nome na lista mencionada anteriormente permite refletir acerca da importância de sua presença no estudo da literatura de autoria de mulheres negras no Brasil. E se há tão poucas obras publicadas em um segmento desses, é porque os sujeitos que assinam tais obras são subalternos. Daí o vínculo deste estudo com essa vertente teórica.

Os estudos subalternos compreenderam, inicialmente, um conjunto de iniciativas que se voltaram para grupos marginalizados da história da Índia, o que fez com que, historicamente, a produção intelectual desse grupo ensejasse a problematização acerca das

condições de existência de excluídos em todo o mundo (Chakrabarty, 2000; Weinstein, 2003). Tal abordagem pressupõe a existência de outras visadas, que “propõem uma nova perspectiva epistemológica proveniente dos subalternos, da diferença colonial, como grande contributo ao debate acadêmico” (Aguiar, 2016, p. 274). Por isso, a importância de um grupo de historiadores liderados por Ranajit Guha, nas décadas de 1970 e 1980, que situou o termo subalterno no âmbito das discussões pós-coloniais, inspirados no marxismo gramsciano, para negar o discurso colonialista excludente advindo de um posicionamento político elitista indiano.

Posteriormente, o ensaio de 1988, da indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010), critica a intelectualidade ocidental e problematiza a existência do sujeito subalterno feminino, refletindo acerca da prática discursiva do intelectual pós-colonial ao situar as condições em que alguns sujeitos são impedidos de falar ou não podem ser ouvidos. Não é à toa que o nome da obra é *Pode um subalterno falar?* Voltando-se para a temática deste trabalho, pode-se mencionar que, se apenas 11 autoras negras tiveram romances publicados em um intervalo de quase 150 anos. Logo, também questiona-se: que subalterno é esse que está sendo historicamente impedido de falar, em meio a uma discussão em que a categoria de classe subalterna pode se tornar elemento imprescindível de transformação social e cultural, visando uma reconstrução da história como é conhecida, sobretudo considerando a presença da negritude – e das mulheres negras – na história do Brasil?

Nesse cenário, pode-se mencionar que Silveira, em sua tese de doutorado, defendida em 2020, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), reforça a ideia de que Carolina Maria de Jesus chegou a ser vista como “porta-voz da favela”. Por conseguinte, o linguajar específico e a riqueza das metáforas, por exemplo, permite que se fale em subalternidade e resistência, porque, segundo o autor, há sempre um jeito de olhar para as “meias furadas” da sociedade, sobretudo no que diz respeito aos silenciamentos impostos historicamente, no Brasil, à negritude. Nesse ínterim, de acordo com Silveira (2020, p. 89-90):

Carolina Maria de Jesus foi apresentada em prefácio da edição de 1994, intitulado “A literatura e a fome”, como “‘porta-voz’ da favela”, alguém que “ultrapassou os limites individuais e deu voz à coletividade miserável e anônima que habita os barracos e os vãos das pontes nas grandes cidades brasileiras” (JESUS, 1994, p. 169). Na obra em questão ela apresenta uma metáfora onde associa as desigualdades paulistanas a uma rainha de vestes heterogêneas: “Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste

viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela” (JESUS, 1994, p. 42). Seus diários foram publicados no início dos anos 1960. Na edição da editora ática, publicada em 2007 chega a haver um prefácio anônimo datado de 1993, intitulado “Favela, o quarto de despejo da cidade” onde pode ser lido: “Não perca! A vida na favela do ponto de vista de quem mora nela. O retrato trágico da fome e da miséria” (JESUS, 2007, s/ p.).

No que diz respeito à partilha de modos de enxergar o mundo, para se ter uma ideia acerca de como os sujeitos subalternos identificam-se com questões similares, a escritora Conceição Evaristo chegou a mencionar, em uma entrevista de 2020, que Carolina Maria de Jesus foi a primeira referência de literatura negra a que teve alcance. Até então, não havia percebido que Machado de Assis era embranquecido nos livros de História, por exemplo. Ela menciona, ainda, que a única obra que teve à disposição influenciou tanto a sua história que, ao ler *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, sua mãe começou a redigir diários pessoais na década de 1970.

Ademais, o fato de ser mulher, negra, mãe solteira, favelada, pobre, catadora de lixo, entre tantas outras categorizações sociais que assumem uma predicação de valência negativa e discriminatória, junto ao contexto histórico em que se situa, foram elementos que relegaram à Carolina Maria de Jesus, durante muito tempo, um lugar de esquecimento e de marginalidade. Apesar da grandeza de sua obra, recebeu muita represália, não aceitação e negação por parte dos já consagrados escritores da época: homens e mulheres brancos, que figuravam um lugar de reconhecimento e prestígio na literatura brasileira. Primeiro, muitos não reconheceram o valor estético de sua literatura e se negaram a acreditar e reconhecer o valor da escrita literária de Carolina, em virtude do lugar social de onde enunciava, a favela, sendo, por muitos, inclusive, até posta em dúvida a autoria de seus escritos.

Nesse contexto, situa-se o nome de Conceição Evaristo, também escritora negra brasileira, que faz uma análise sociológica e de cunho literário de Carolina Maria de Jesus e de sua obra, e aponta para a questão da “norma oculta da língua”, que recai sobre a temática do preconceito linguístico no país. Por conta desse e de outros fatores, durante muito tempo, a autora passou despercebida pelo cânone literário brasileiro. Para Evaristo (2015, s. p.),

[u]ma das coisas que os críticos literários, academia, têm muita dificuldade em trabalhar com os textos de Carolina é porque ela não usa, faz um esforço, mas não usa as normas, que eu não chamo de normas cultas, mas de **normas ocultas** da língua, porque só algumas pessoas conseguem se apropriar dessas normas ocultas.

Ela tem um projeto literário, um projeto de linguagem, tanto é que ela procura inclusive palavras que não são comuns (grifo próprios).

Nesse ínterim, devido à relação que estabelecia com a leitura e a escrita, Carolina Maria de Jesus acreditava que as palavras poderiam até não conseguir mudar o mundo, mas, certamente, poderiam ajudar a contá-lo e a inventá-lo. Isso porque, para ela, as palavras constituiriam, primeiro, uma forma de denúncia velada dos problemas sociais que margeavam o contexto em que estava inserida e, em segundo lugar, se tratava de uma forma de criá-lo, colocando um pouco de fantasia e doçura no amargor que era a condição de vida das pessoas da favela, de quem ela acaba de se tornando porta-voz, seja para representá-las, seja para denunciar e repudiar o comportamento de alguns.

Nisso, ela criou e inventou seu próprio mundo e o de muitos à sua volta, mesmo frente à resistência, à negação e à situação absolutamente desfavorável em que viviam. Por conseguinte, a fuga para um mundo imaginário, possibilitado pelas palavras, foi uma maneira de suportar o sofrer e o penar que se tornaram seus companheiros nas madrugadas a fio pelas ruas de São Paulo catando lixo e no refúgio da casa de madeira, papelão e lata, o espaço físico onde o chão de terra embebeu suas lágrimas. Esse quadro é especialmente velado em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (Jesus, 2014), obra que foi, até o momento, traduzida para 16 línguas, em cerca de 40 países, sendo, portanto, um dos livros brasileiros mais conhecidos no exterior (Bahia, 2022).

A história, o lugar e a memória da pobreza

Estudar escritoras como Carolina Maria de Jesus, é, por si só, um ato de evocação ao lugar de sua figura que, durante muito tempo, conforme retratam suas obras de caráter autobiográfico, foi relegada ao esquecimento social, em virtude, sobretudo, da condição de vulnerabilidade econômica. De maneira geral, no conjunto de sua produção literária, entre aqueles que melhor explicitam a condição de vulnerabilidade e subalternidade, e, paradoxalmente, também sua força e resistência, estão, principalmente, os escritos: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (diário, 1960); *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (diário, 1961)³; *Provérbios* (memória, 1963a); *Pedaços da fome* (memória, 1963b); *Diário de Bitita* (memória, 1986); *Antologia pessoal* (poemas, 1996a); e *Meu estranho diário* (diário,

³ Em 2021, a mesma obra foi lançada em dois volumes, pela Editora Companhia das Letras, possibilitando que mais uma obra da autora se tornasse próxima do público leitor da atualidade (Jesus, 2021a, 2021b). A referência original desta, de 1961; e das demais seis obras constam nas referências deste texto, em suas 1ª edições.

1996b). A subclassificação⁴ atribuída a essas obras, entre *diários* e *memórias*⁵; ou mesmo, o rótulo de “pessoal” no título, reúnem vestígios do que se pode alcunhar como uma “escrita de si”⁶, pelo tom testemunhal e intimista como narra o cotidiano vivenciado em meio à pobreza. Sobre o termo “escrita de si”, é preciso pontuar que este não se refere ao texto foucaultiano de mesmo nome, mas parte dos estudos literários para ser considerado como sinônimo de escrita biográfica. Para a historiadora Angela Castro Gomes (2004), toda escrita de si é instaurada para constituir um lugar de memória, conceito este que se reporta à obra de Pierre Nora, para quem o lugar de memória busca evitar o esquecimento em meio a um jogo recíproco entre memória e história que o torna possível a fim de “bloquear o trabalho do esquecimento e materializar o imaterial” (Nora, 1993, p. 22).

Visitando brevemente sua biografia, tem-se, na história de Carolina Maria de Jesus, o registro de uma mulher semianalfabeta, que nasceu aos 14 de março de 1914, em Sacramento (MG), local em que, pelas escassas condições de acesso e aceitação social, só estudou formalmente, na escola, por cerca de dois anos, tempo suficiente para perceber o poder e o sentido humanizador das palavras, como forma de suportar as dores do mundo que a afligiam. Em 1937, migra para São Paulo (SP) e se instala na favela do Canindé, às margens do rio Tietê.

É interessante notar que, em 1961, treze anos depois de ter sido criada, a favela do Canindé, onde residiu Carolina, foi extinta, fato que alguns atribuem à repercussão do livro de diários da escritora (Barone, 2019). Para se ter uma ideia acerca do lugar, Godinho (1955) estudou o processo de favelização de São Paulo e situa, em seu trabalho, que a favela iniciou com 96 barracos, 108 famílias e 463 pessoas. Depois, como não pudessem perfurar para ir em busca de água potável para consumo, por estarem às margens do Tietê, os moradores receberam da prefeitura uma caixa d’água, o que fez com que aumentasse a população local, chegando a 300 famílias, embora muitos tivessem que ir embora, por causa das enchentes causadas pelas cheias do rio.

Os primeiros barracos do Canindé surgiram quando o governador quis “limpar” o centro da cidade e mandou que caminhões levassem os moradores de rua para outro lugar. Esse outro lugar era o Canindé, as margens do rio Tietê. Não se tratava

⁴ Tal classificação foi extraída da lista de obras da autora, feita pelo jornalista Audálio Dantas, no fechamento do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em sua 10ª edição, de 2014, publicada pela editora Ática. Optou-se por esse recorte, em face de Audálio figurar como nome fundamental no processo de “descoberta” e ascensão de Carolina à cena literária brasileira, com a publicação *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em 1960.

⁵ É preciso situar que ela publicou um fértil conjunto de obras, entre romances, poemas, marchinhas de carnaval e até gravou um disco, entre outros formatos e estilos ficcionais e (auto)biográficos.

⁶ Para mais informações acerca dessa relação, sugere-se a consulta de Nascimento (2020) e Toledo (2010).

de uma grande favela, comparada com as de hoje em dia. Tinha cerca de 180 casas e uma só torneira onde as mulheres buscavam água (Santos; Borges, 2013, p. 06).

É desse lugar tão precário de tudo – do subjetivo ao objetivo – que Carolina começou a ler, escrever e inscrever, junto aos três filhos – João José de Jesus (de 1949), José Carlos de Jesus (de 1950) e Vera Eunice de Jesus (de 1953) –, uma história repleta de sentimentos: fome, miséria, coragem, medo, resistência, ousadia, tristeza, alegria, luta etc., que acabou sendo não apenas um retrato de si, mas um painel ilustrativo do cotidiano partilhado por tantas pessoas que residiam naquela que foi considerada uma das principais favelas paulistas⁷.

A história de Carolina Maria de Jesus não é só dela. Isso porque se trata de uma história de milhares de brasileiros, que não tem data para acabar. Atualmente, contabiliza-se que 17,8 milhões de pessoas moram em favelas espalhadas pelo território nacional. Os dados são da Pesquisa Data Favela, divulgada em 2023, no Portal *Agência Brasil*, situando que o número dobrou no período de uma década no país. Nesse sentido, pode-se mencionar que, de acordo com Cardoso (2007), a urbanização das favelas se solidificou, principalmente, a partir da década de 1980, quando inúmeras cidades brasileiras vivenciaram um crescimento populacional sem precedentes em locais carentes de infraestrutura e de fiscalização pública. Nesses lugares, até hoje, inúmeras Carolinas vivem, residem e resistem em meio a um cenário de subalternidade e de silenciamento cultural e historicamente (com)partilhado em meio à história do Brasil.

O Quarto de Despejo: diário de uma favelada em foco

Carolina encontrava nos livros a companhia para afugentar a solidão que lhe maltratava a alma e uma forma de resistir às agruras da fome e da miséria que vivia. Ao enunciar do lugar de pessoa em situação de carência alimentícia, ela metaforiza a fome, atribuindo-lhe a feição de “amarela”, aspecto que as pessoas assumiam no limiar do suportável diante da situação de miséria. Somado a essa figuratividade, ela acrescenta a “Cor roxa. Cor da amargura que envolve os corações dos favelados” (Jesus, 2014, p. 34), e mais: a mesma “cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos” (Jesus, 2024,

⁷ As primeiras favelas em São Paulo apareceram na década de 1940. A favela do Canindé existiu entre 1948 e 1961. Foi a própria prefeitura municipal que cedeu a área para alojamento de 99 famílias desalojadas de um terreno particular (Godinho, 1955). Atualmente, a maior favela de São Paulo é Heliópolis, que tem cerca de 200 mil habitantes e, em território nacional, existem 11403 favelas, segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2023, publicados já em 2024 (IBGE, 2024).

p. 141). Juntam-se aí dois simulacros de sua condição de vida representada em cores, a de favelada e a de mulher negra que passa fome.

É a fome, por fim, a grande companheira de Carolina. Veja-se registros⁸ de sua labuta:

[15 de outubro de 1955] [...] Eu não tinha um tostão para comprar pão. [...] (Jesus, 2014, p. 11).

[7 de agosto de 1958] Deixei o leito as 4 horas. Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme (Jesus, 2014, p. 107).

[3 de setembro de 1958] Ontem comemos mal. E hoje pior (Jesus, 2014, p. 120).

[12 de outubro de 1958] ... Já faz tanto tempo que estou no mundo que eu estou enjoando de viver. Também, com a fome que eu passo quem é que pode viver contente? (Jesus, 2014, p. 125).

[16 de junho de 1959] ...Hoje não temos nada para comer. [...] Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (Jesus, 2014, p. 174).

[26 de agosto de 1959] A pior coisa do mundo é a fome! (Jesus, 2014, p. 191).

Nessa narrativa diária, com alguns espaços intercalados (dias ou meses em que se sentia indisposta ou doente, o que a impedia de escrever), que inicia em 15 de julho de 1955 e finda em 1 de janeiro de 1960, a presença contínua da fome e seu “grito de alerta” e denúncia à situação que amargava diariamente. É a fome que faz esse sujeito subalterno não descansar, já que “quem deita com fome não dorme”. Infelizmente, até hoje pessoas brasileiras continuam a passar fome, o que é possível ser atestado porque, em julho de 2023, foi lançado um relatório intitulado *O Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo*, a partir de levantamento realizado por órgãos internacionais, a exemplo da Organização das Nações Unidas (ONU), em que o Brasil figura entre os países com dados alarmantes de insegurança alimentar. Segundo o referido documento, 70,3 milhões de pessoas brasileiras estiveram em estado de insegurança alimentar em 2022. Esse “estado de insegurança alimentar” se refere à dificuldade de se alimentarem. O mesmo documento pontuou que pelo menos 21,1 milhões aqui no Brasil passaram por insegurança alimentar grave, que é o que caracteriza a fome.

⁸ Aqui, assim como anunciam, os editores, em nota de abertura da edição de 2014, também se “respeita fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática, incluindo a grafia e a acentuação das palavras, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo”.

Entretanto, no caso de Carolina, pode-se afirmar que a fome, ao mesmo tempo em que a maltratava e a fazia desanimar, também a impulsionava a madrugar todos os dias para ir às ruas à cata de papel, que servia como moeda de troca material, para conseguir o sustento mínimo dos filhos e, existencialmente, como bem simbólico e cultural. Era também no papel, metaforicamente, por causa da escrita e da leitura, onde ela encontrava abrigo para as dores e as amarguras que fustigavam seu dia a dia. Veja-se nos diários a seguir:

[20 de julho de 1955] Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. [...] (Jesus, 2014, p. 17-20).

[12 de junho de 1958] Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residu num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama (Jesus, 2014, p. 58).

[30 de julho de 1959] ...Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João:
— Agora podemos dar um ponta-pé na miséria.
E gritei:
— Vai embora, miséria!
A Vera despertou-se e perguntou:
Quem é que a senhora está mandando ir-se embora? (Jesus, 2014, p. 185-186).

Tem-se aqui os vestígios de uma literatura não ficcional, de uma autora que denuncia a condição de pobreza material e, ao mesmo tempo, mantém a “estranha mania de ter fé na vida”,⁹ pela esperança que reside viva em seus sonhos, seja acordada ou dormindo. No entanto, como bem ensina o mestre Antonio Candido (2023, p. 190), trata-se de atentar-se para “[...] o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquicos em sonho no sono, talvez não haja equilíbrio social sem literatura”. Por essa máxima, é possível enxergar o sortilégio da vida entre o sonho real e o “sonho no sono” nas várzeas da literatura, pois “ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande

⁹ Referência a trecho da música: “Maria, Maria”, composição de Milton Nascimento e Fernando Brant, gravada no álbum duplo *Clube da Esquina 2* (1978, faixa 8 do disco 2).

* Discografia: NASCIMENTO, Milton. *Clube da Esquina 2*. EMI Odeon, 1978. [Disco - Long Play (LP)].

parte no subconsciente e no inconsciente” (Candido, 2023, p. 190). Nesse ínterim, é preciso considerar, no âmbito dos estudos subalternos, a presença de manifestações artístico-literárias diversas, como literaturas de autoria de mulheres negras, o que permite que se pense acerca das relações entre literatura e sociedade:

Quando se fala em literatura e sociedade, o que se busca é fomentar debates críticos sobre a literatura, a partir de variadas manifestações diversas. Assim, o silenciamento e a marginalização dos estudos literários que se voltam para práticas e representações de sujeitos excluídos que têm aparição em textos literários não pode ser negligenciada (Silveira, 2023a, p. 105).

Desse modo, Carolina Maria de Jesus, por sua coragem e ousadia, sobretudo em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, dá um pontapé necessário para, à revelia do cânone legitimado por uma história escrita e contada por homens brancos, tornar-se, ela mesma, uma personagem real que, hoje, graças ao avanço do (re)conhecimento na área, representa um rasgo nas páginas de uma literatura ainda muito influenciada por um modelo/padrão europeu. O que ela faz, na prática, é um gesto de (re)existência, ao subverter métricas pré-estabelecidas e alimentar vorazmente o que se reconhece hoje, como uma literatura marginal.

Hoje, após quase 50 anos de sua morte, ocorrida em 13 de fevereiro de 1977, mais do que nunca, o nome de Carolina Maria de Jesus tem aparecido na agenda de estudos da linguagem (linguistas, literatos, filósofos, psicólogos, sociólogos etc.) e dos chamados estudos culturais, de maneira ampla. A evidência disso, em nível nacional, é a vasta produção acadêmica de artigos publicados em periódicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, livros, entre outros registros dedicados exclusivamente a explorar a riqueza de sua vasta obra¹⁰. Segundo Rosa e Silva (2020, p. 04):

[...] essa possibilidade é um dos elementos centrais para compreendermos a importância de Carolina como uma figura representativa da pedagogia crítica, para compreendermos a importância de ler e reler o mundo e a sua própria história. A escrita da própria história, [...] é uma tarefa política, antropológica e profundamente pedagógica. É uma forma de alfabetização política, de consciência

¹⁰ Embora colocado de maneira ampla, o que pode supor uma generalização pouco crível, tal constatação é facilmente perceptível em consultas *on-line* a banco de dados de Programas de Pós-Graduação *Strictu Sensu* de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, públicas e privadas, do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), de plataformas de livros acadêmicos em acesso aberto, como: *Scientific Electronic Library Online-Livros (SciELO-Livros)*, *Directory of Open Access Books (DOAB)*, *Open Access Publishing in European Networks (OAPEN)*, *Open Edition Books* etc., além de plataformas de artigos científicos, a exemplo da *SciELO* e páginas específicas de revistas especializadas e indexadas no Qualis Capes, com dossiês exclusivos a sua obra ou textos avulsos.

da não neutralidade da escrita e da educação; de consciência de que o processo de alfabetização, enquanto ato de conhecimento, de libertação, exige um compromisso político com a transformação e a autorreflexão. Viver o tempo da escrita, das leituras e releituras é estudar(-se), pôr-se em contexto; e isso Bitita fez muito bem em seus diários. Ela sabia de onde estava falando, situando-nos no tempo e no espaço em que vivia. Os diários de Carolina de Jesus são fontes históricas de uma outra história do Brasil do século XX.

Nesse contexto de dismantelamento de um saber hegemônico, ditado como “correto” e “belo”, a leitura crítica e situada de Carolina constitui uma possibilidade de reconstrução de um imaginário social sobre a figura da mulher negra na literatura brasileira, instituindo, assim, um lugar para a literatura marginal. Esse ato pode ser interpretado como uma tentativa de reconhecimento e de valorização social de sua figura, pincelando uma nova página de vestígios escritos sobre a vida e a obra da autora. Este texto, inclusive, enfileira-se no âmbito desse movimento, juntando-se a um coro de vozes que encampam a perspectiva afiançada por Moretti e Adams (2011, p. 460), quando alertam para a permanente e necessária “[...] tensão dialética entre a colonialidade e as resistências a sua imposição” como possibilidade de (re)construção de epistemologias outras no cenário da pesquisa, rompendo com a tradição cartesiana.

Carolina Maria de Jesus depois e para além do *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada: entre posfácios e resistências

Em uma reportagem publicada no jornal *O Globo* em fevereiro de 1970, Carolina Maria de Jesus chegou a mencionar que havia alcançado a posição de alguém que tinha “fama de rica sem dinheiro”. Refugiando-se em um sítio de uma região periférica da cidade, ela continuou redigindo poemas, contos, peças de teatro, crônicas, marchinhas de carnaval, mas a maior parte dessas obras não se tornou célebre como o livro que a tornara conhecida anteriormente.

Dentre as exposições realizadas a seu respeito e que valorizam sua obra, menciona-se uma recente: em 2022, a curadora Raquel Barreto coordenou a exposição intitulada: *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, no Instituto Moreira Salles (IMS), em São Paulo¹¹. Na mostra em questão, foram reunidos cerca de 300 itens, contendo fotografias, vídeos e documentos que foram apresentados como contendo aspectos pouco

¹¹ Um itinerário completo da exposição pode ser visto no site oficial do Instituto Moreira Salles (IMS). Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

conhecidos de sua vida e de sua produção artístico-literária. Uma curiosidade é que ela chegou, inclusive a gravar um disco, *Quarto de despejo*, lançado em 1961¹² por causa do livro homônimo que lhe deu notoriedade e projeção internacional. É interessante notar que, na ocasião do disco, Carolina cantava e tocava violão.

Imagem 1 - Capa do disco *Quarto de Despejo*



Fonte: Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles

Ademais, ainda sobre a amplitude da repercussão do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em outro texto, intitulado *Diário de viagem*¹³, no qual ela apresenta os registros de sua viagem pela América Latina, por ocasião da divulgação do primeiro livro, passando pela Argentina, pelo Uruguai e pelo Chile, entre os anos de 1961 e 1962, por exemplo. Carolina chega, inclusive, a registrar suas impressões dos países mencionados, a partir da ótica de uma mulher preta e periférica (Leal, 2022). Tudo isso considerando-se que já no ano de publicação, em 1960, o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* ficou entre os mais vendidos no Brasil e chegou a ser traduzido para mais de uma dezena de idiomas nos anos seguintes.

Infelizmente, outro “detalhe” chama atenção na história de Carolina: o lançamento póstumo de *Diário de Bitita* ocorreu não no Brasil, mas na França, em 1982. Há de se mencionar, portanto, o fato de que, ainda que tardiamente (visto que sua obra póstuma foi

¹² Foi o único disco que ela gravou.

¹³ O texto compõe o apêndice da obra *Casa de Ladrilhos*, uma tradução espanhola da obra *Casa de Alvenaria*.

reconhecida primeiro no exterior, depois aqui – fato que desvela, entre tantos aspectos, ainda, a cultura de colonizados). Apesar desse cenário de desestímulo local, posteriormente, pode-se mencionar que a história tem tentado fazer justiça à escritora, visto que, em 2014, ano em que foi celebrado seu centenário, Carolina Maria de Jesus foi tema de incontáveis biografias, exposições e estudos. Em 2020, a editora Companhia das Letras chegou a anunciar, inclusive, que, do ano seguinte em diante, efetuará a publicação da obra da escritora, resgatando 27 textos originais, ocasião em que Conceição Evaristo foi uma das convidadas para realizar a edição dos textos.

Justamente por isso e por outros motivos, é possível afirmar que há flores em meio aos espinhos: Carolina Maria de Jesus tem sido levada aos bancos escolares da Educação Básica. Isso porque instituições públicas¹⁴ e privadas espalhadas pelo país colocaram-na em seus currículos oficiais, por meio da adoção de suas obras como referências de leitura básica nas áreas de Linguagens, principalmente. Além disso, renomadas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras têm, a partir dessa segunda década do século XXI, adotado *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, como obra de leitura obrigatória para seus vestibulares. A exemplo, pode-se citar a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Estadual de Maringá (UEM), a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre outras (Portal G1, 2017).

Tal deslocamento surte efeitos na Educação Básica, considerando-se que as escolas preparam os estudantes para o vestibular, embora não devam reduzir-se a tal função. Ainda mais, em se tratando do texto literário, em que a abordagem escolar deve ocorrer a partir de uma “mediação pedagógica” (Lima; Dantas, 2019, p. 150), e não “uma pedagogização do texto literário, muito pelo contrário, empenhamo-nos, em resguardá-lo o devido encanto e sabor guardados na conotatividade das palavras”. A perspectiva é que “o deleite e o encantamento que lhes são inatos, sejam trazidos para as aulas de Literatura, como recurso expressivo, a fim de atrair a atenção e o interesse dos alunos”. Desse modo, se for levado em consideração que “todo currículo resulta de conflitos culturais, de processos de escolha e de disputas de poder entre grupos sociais, então não pode ser

¹⁴ Dados do Portal G1, do ano de 2017, apontam o seguinte: “Em 2013, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) comprou e distribuiu, por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), 29 mil exemplares do livro para escolas públicas com alunos em anos finais do ensino fundamental. De acordo com o governo federal, não há reserva ou destaque de exemplares, nem previsão para novas aquisições do título”.

reduzido a uma folha de papel digital ou impressa com diretrizes sobre processos educativos” (Silveira, 2023c, p. 105).

Ademais, nesse mesmo movimento, também situado no cenário das políticas educacionais em nível nacional, a voz de Carolina Maria de Jesus vem ecoando, a exemplo da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), de 2022, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, em que teve aparição no seguinte contexto:

Imagem 2 - Questão número 40, da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, do Enem 2022

QUESTÃO 40

10 de maio

Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. [...] O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidade de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.

... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome tambem é professora.

Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

A partir da intimação recebida pelo filho de 9 anos, a autora faz uma reflexão em que transparece a

- A lição de vida comunicada pelo tenente.
- B predisposição materna para se emocionar.
- C atividade política marcante da comunidade.
- D resposta irônica ante o discurso da autoridade.
- E necessidade de revelar seus anseios mais íntimos.

Fonte: Brasil (2022, p. 17)

Vale ressaltar, devido ao curto espaço de que se dispõe para elaboração deste texto, o objetivo aqui não é fazer uma análise de mérito interpretativo relativo a compreensão textual ou qualquer outro aspecto da questão, mas, apenas, junto aos três outros aspectos anteriormente arrolados, a saber: i) o espaço em publicações acadêmico-científicos, ii) a adoção de *Quarto de Despejo: diário de uma favela*, pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do Ministério da Educação (MEC) e iii) a leitura da mesma obra como obrigatória em vestibulares de grandes universidades brasileiras, justificar o lugar de Carolina Maria de Jesus na sociedade, como caminho, talvez, para uma possível superação

da condição de subalternidade e de vulnerabilidade que historicamente lhe fora relegado. O impacto disso é um redirecionamento acerca do uso da literatura, a fim de refletir acerca do lugar dos excluídos na sociedade:

Resta-nos, portanto, o exercício do ato de contrariar o paradigma de educação tradicional, que engessa práticas, e que reflete negligências e insensibilidades diante da dor do outro, para que a educação não seja relegada às margens do capital, porque isso equivaleria, nas palavras de István Mészáros (em *A educação para além do capital*), a abandonar o objetivo de inserir a educação numa instância de transformação social (Silveira, 2023b, p. 05).

Desse modo, a abertura de espaço para leitura de *Quarto de Despejo: diário de uma favela*, quer seja para o trabalho didático-pedagógico em escolas públicas de Educação Básica, quer seja para a leitura obrigatória, como pré-requisito para entrada/acesso aos vestibulares de importantes IES, também públicas, constitui, certamente, um passo para aproximar Carolina Maria de Jesus dos seus, o povo brasileiro, que tanto se identifica e é retratado por suas memórias, direta ou indiretamente. Talvez, com isso, como afirma Candido (2023, p. 199), em *O direito à literatura*, “assim, o pobre entra de fato e de vez na literatura como tema importante, tratado com dignidade, não mais como delinquente, personagem cômico ou pitoresco”.

Considerações finais

O presente texto buscou trazer algumas reflexões acerca da obra de Carolina Maria de Jesus, situando-a no escopo dos estudos da literatura marginal e nos estudos subalternos, o que permite assinalar que a repercussão de seus escritos não cessaram de suscitar interpretações e re-existências em meio ao contexto cultural conturbado em que sua obra se situa. Por conseguinte, falar sobre Carolina Maria de Jesus não é um gesto articulado ao ato de somente informar sobre uma escritora nacional, mas trata-se de fazer com que sua obra perdure e que os temas e sua presença continuem ressoando no imaginário popular aqui e bem longe também, para que, ao sabor das palavras do poeta passarinho, em meio a uma memória póstuma, ela possa dizer sobre “todos aqueles que aí estão atravancando meu caminho/ eles passarão, eu passarinho” (Quintana, 2005, p. 157).

Junto ao conjunto de vozes que reivindicam a possibilidade de “falar”, Carolina Maria de Jesus consolidou-se como uma das vozes mais potentes da literatura marginal

brasileira ao romper, com coragem e autenticidade, a barreira simbólica que historicamente excluiu sujeitos negros, pobres e periféricos do espaço literário legitimado. Especialmente, em *Quarto de despejo: diário de uma favela*, sua escrita direta, visceral, despida de métricas e marcada pelas marcas das violências e marcada pela urgência da sobrevivência, expõe a brutalidade cotidiana da fome, da violência estrutural, da precariedade urbana, entre outros indícios de denúncia social. Nesse sentido, o valor crítico de sua obra reside justamente na recusa em romantizar a pobreza: Carolina denuncia as contradições de um país que se pretende moderno, mas mantém grande parcela da população confinada em espaços de desumanização, os “quartos de despejo”, ou seja, a favela onde vivia. Assim, sua narrativa não apenas documenta uma experiência social, mas também tensiona os limites do que é considerado literatura, forçando a crítica a repensar quem pode narrar e de onde se fala.

Portanto, no campo dos estudos da literatura marginal e dos estudos subalternos, Carolina e sua obra, ocupam um lugar seminal, pois sua voz antecipa, levanta e propõe debates sobre a representatividade negra e a importância de narrativas produzidas por sujeitos historicamente silenciados, dialogando com perspectivas teóricas que valorizam a experiência vivida como forma legítima de construção do conhecimento. *Quarto de despejo: diário de uma favela*, torna-se, assim, um ato político de escrita de resistência, que desestabiliza hierarquias culturais e evidencia a centralidade das vozes periféricas na compreensão mais ampla da sociedade brasileira. Ao transformar sua vivência em literatura, ela não apenas reivindica sua posição como autora, mas inaugura um caminho que inspira gerações posteriores de escritores e pesquisadoras que investigam as formas de resistência, denúncia e afirmação presentes na literatura marginal e nos estudos subalternos.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Censo: falta de endereço em favelas dificulta registro de domicílios IBGE volta a locais com baixos índices de moradias visitadas. Por Ana Cristina Campos. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, publicado em: 22 mar. 2023, às 06h35min. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-03/censo-falta-de-endereco-em-favelas-dificulta-registro-dos-domicilios#:~:text=Data%20Favela&text=S%C3%A3o%20estimados%205%2C8%20milh%C3%B5es,todas%20as%20regi%C3%B5es%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 28 jan. 2025.

AGUIAR, Jórissa Danilla Nascimento. Teoria pós-colonial, estudos subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica? **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 21, n. 41, p. 273-289, jul.- dez., 2016.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. Negra ou pobre? Migrante ou despejada? Carolina de Jesus e o enigma das classificações (1937-1977). **Afro-Ásia**, Bahia, n. 59, p. 43-76, jan.-jun., 2019.

BAHIA, Luísa Arantes. **Exportando literatura brasileira: Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria em Língua Inglesa**. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

BRASIL. Exame Nacional do Ensino Médio. **Caderno de Questões Prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação; Prova de Ciências Humanas e suas Tecnologias. Caderno 3 - Branco, 1º dia de aplicação**. Brasília: MEC; INEP, 2022. Disponível em: <https://s1.static.brasescola.uol.com.br/enem/2022/11/1-dia-caderno-3-branco-enem-2022.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.

CARDOSO, Adauto Lúcio. Urbanização de favelas no Brasil: revendo as experiências e pensando os desafios. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E A PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO, XII., 2007, Belém. **Anais...** Belém: 2007. v. 1. p. 01-23.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Todavia, 2023. p. 183-208.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

EVARISTO, Conceição. Trecho de fala da escritora no “Programa Nação: Carolina Maria de Jesus - parte 1” de 18/09/2015. **Nação TVE Brasil**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=E5V8SvEN2II>. Acesso em: 23 jan. 2025.

EVARISTO, Conceição. O (novo) renascimento de Carolina Maria de Jesus. Entrevista concedida a Henrique Santiago. **Portal Elástica**, publicada no em 18 set. 2020 às 01h49min. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/carolina-maria-de-jesus-literatura-racismo>. Acesso em: 28 jan. 2025.

FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2023. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2023. Urbanization, agrifood systems transformation and healthy diets across the rural-urban continuum**. Rome: FAO, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4060/cc3017en>. Acesso em: 29 jan. 2025.

GODINHO, Maria Teresinha. **O serviço social das favelas**. 1955. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Escola de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1955.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Favelas e Comunidades Urbanas 2024: sobre a mudança de Aglomerados Subnormais para Favelas e Comunidades Urbanas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. 79 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102062>. Acesso em: 30 jan. 2025.

- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1961.
- JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo: Luzes, 1963a.
- JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da Fome**. São Paulo: Águila, 1963b.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JESUS, Carolina Maria de. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996a. (Organizado por Meihy. Revisado por Armando Freitas Filho).
- JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996b. (Organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine).
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria, volume 1: Osasco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a.
- JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria, volume 2: Santana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b.
- LEAL, Marcelle Ferreira. Deslocamentos: Carolina Maria de Jesus em viagem pela América Latina. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, v. 24, n. 45, p. 17-30, jan./abr., 2022.
- LIMA, Francisco Renato; DANTAS, Francisca Marciely Alves. O texto poético em sala de aula: expressão estética, ensino de leitura e formação cultural. In: LIMA, Francisco Renato (Org.). **Os professores e suas experiências de formação, pesquisa e ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 149-166.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)**: posse da história e colonialidade nacional confrontada. 2019. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- MORETTI, Cheron Zanini; ADAMS, Telmo. Pesquisa participativa e educação popular: epistemologias do Sul. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 447-463, maio/ago., 2011.
- NASCIMENTO, Daniela de Almeida. **Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência**. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2020.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, p. 07-28, jul.-dez., 1993.
- PORTAL G1. Livro de Carolina Maria de Jesus é resgatado em vestibulares da UFRGS e Unicamp 40 anos após morte de escritora. **Portal G1**, Campinas e região, publicado em 07 maio 2017, às 08h09min. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/livro-de-carolina-maria-de-jesus-e-resgatado-e-m-vestibulares-da-ufrgs-e-unicamp-40-anos-apos-morte-de-escritora.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2025.

QUINTANA, Mário. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

ROSA, Carolina Schenatto da; SILVA, Gilberto Ferreira da. Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 04-12, 2020.

SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; BORGES, Valdeci Rezendo. Quarto de Despejo: o espaço na obra de Carolina de Jesus. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA (SILEL), 14., Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 01-08.

SILVEIRA, Éderson Luís. Notas para não deixar seu literato em paz: percorrendo os estudos de gênero e alguns preâmbulos sobre a função social da literatura. **Revista Alere**, Tangará da Serra, v. 27, n.1, p. 101-119, 2023a.

SILVEIRA, Éderson Luís. Para não dizer que não falei das flores (e dos espinhos também): o direito à literatura na escola ou o acesso à literatura como parte intrínseca dos direitos humanos. **Água Viva**, Brasília, v. 08, p. 01-07, 2023b.

SILVEIRA, Éderson Luís. Tessituras entre alteridade e educação: oito abordagens contemporâneas para a educação sexual na escola e a (des) aparição das dimensões da sexualidade humana na BNCC. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 75, p. 98-110, out./dez., 2023c.

SILVEIRA, Éderson Luís. **Quanto vale um escravo hoje?** A vulnerabilidade (des) fiscalizada, os rastros da necrobiopolítica e (a tentativa de controle d) o controle dos discursos na contemporaneidade. 2020. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. Carolina Maria de Jesus: a escrita de si. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 247-257, jul., 2010.

WEINSTEIN, Barbara. História sem causa? A nova história cultural, a grande narrativa e o dilema pós-colonial. **História**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 185-210, 2003.